"BANDA GIRA, ABRE A RODA": SOCIABILIDADE DE UM TERREIRO DE UMBANDA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

"BANDA GIRA, ABRE A RODA": SOCIABILITY OF A TERREIRO OF UMBANDA IN CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

"BANDA GIRA, ABRE A RODA": SOCIABILIDAD DE UN TERREIRO DE UMBANDA EN CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

Castiel Ares Melo dos Santos Silvestre[1]

Resumo: O trabalho descrito neste artigo propõe discutir as dinâmicas de crescentes conflitos entre denominações pentecostais e neopentecostais e religiões de matriz africana em Campos dos Goytacazes, enfatizando os aspectos simbólicos, territoriais, sociais e políticos acerca desse cenário. Com base em uma extensa revisão bibliográfica e na preparação do trabalho de campo no terreiro de umbanda Tenda Espírita Caboclo Tupinambá, investigam-se suas práticas rituais, sociabilidades e formas de resistência diante da estigmatização e da violência simbólica. Articulando debates sobre batalha espiritual, sincretismo e territorialidade, o estudo objetiva compreender como a comunidade que constitui esse terreiro constrói trajetórias, negocia espaços e reafirma identidades no contexto urbano contemporâneo.

Palavras-chave: batalha espiritual; neopentecostalismo; pentecostalismo; umbanda; sociabilidade.

Abstract: The work described in this article discusses the dynamics of growing conflicts between Pentecostal and Neopentecostal denominations and African-derived religions in Campos dos Goytacazes, emphasizing the symbolic, territorial, social, and political dimensions of this scenario. Drawing on extensive bibliographic research and on the preparation for fieldwork at the terreiro of umbanda Tenda Espírita Caboclo Tupinambá, the study investigates ritual practices, sociabilities, and forms of resistance to stigmatization and symbolic violence. By engaging debates on spiritual warfare, syncretism, and territoriality, it seeks to understand how this religious community constructs trajectories, negotiates space, and reaffirms identities in the contemporary urban context.

Keywords: spiritual warfare; neopentecostalism; pentecostalism; umbanda; sociability.

[1] Graduando em Ciências Sociais no Centro de Ciências do Homem da UENF e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da UENF, no âmbito do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob orientação da Profa. Dra. Wania Amelia Belchior Mesquita, pesquisadora do Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado da UENF. Email: 20231400007@pq.uenf.br

Resumen: El trabajo descrito en este artículo discute las dinámicas de crecientes conflictos entre denominaciones pentecostales y neopentecostales y las religiones de matriz africana en Campos dos Goytacazes, enfatizando las dimensiones simbólicas, territoriales, sociales y políticas de este escenario. Con base en una amplia revisión bibliográfica y en la preparación del trabajo de campo en el terreiro de umbanda Tenda Espírita Caboclo Tupinambá, se investigan sus prácticas rituales, sociabilidades y formas de resistencia frente a la estigmatización y la violencia simbólica. Articulando debates sobre batalla espiritual, sincretismo y territorialidad, el estudio busca comprender cómo esta comunidad construye trayectorias, negocia espacios y reafirma identidades en el contexto urbano contemporáneo.

Palabras clave: batalla espiritual; neopentecostalismo; pentecostalismo; umbanda; sociabilidad.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tratando-se de uma pesquisa de Iniciação Científica, surge a partir da discussão acerca do crescimento e expansão do pentecostalismo e do neopentecostalismo nas últimas décadas e a consequente incidência de práticas de oposição e perseguição a outras religiões, principalmente às de matriz africana (Miranda, 2023; Ferretti, 2005), por parte dessas denominações evangélicas, o que resulta em conflitos simbólicos, territoriais, políticos e sociais. Nesse contexto, visamos analisar e compreender como se dão as dinâmicas e possíveis atritos em territórios e espaços que contam com a presença de segmentos pentecostais e neopentecostais e comunidades afrorreligiosas na cidade de Campos dos Goytacazes.

Ao abordarmos essa temática no âmbito municipal, devemos, primeiramente, destacar que, desde a época colonial, Campos opera sob uma grande influência da Igreja Católica e das religiões de matriz africana devido ao número expressivo de africanos escravizados presentes na região durante aquele período, principalmente os de origem bantu: a colonização se deu majoritariamente por meio da cultura canavieira sustentada pela mão de obra escrava e, em 1816, essa parcela da população chegou a constituir 54,38% do total aqui presente. Porém, apesar da presença marcante na formação histórica do município, as religiões afro-brasileiras tiveram que resistir ao processo de desqualificação que vêm sofrendo desde que foram trazidas para o Brasil, seja através da demonização de seus deuses – processo iniciado e protagonizado, a princípio, pelo Santo Ofício da Inquisição –, seja através da sua descaracterização como “superstições primitivas” e “charlatanismo” (Lima et. al., 2015).

Segundo Paulo Henrique Prado da Silva, “o processo de colonização exercido em terras brasileiras fomentou modos racistas nas formas de se relacionar com religiosidades de tradições afro-indígenas, devido a ele ser a força central da colonização.” (Silva, 2024, p. 12).

A partir dessa contextualização, podemos obter melhor compreensão a respeito do cenário historicamente desfavorável e violento para com as comunidades tradicionais de terreiro presentes no território campista, o que será melhor abordado no decorrer do artigo.

Essa problemática, por sua vez, nos devolve à pesquisa sobre a qual trata este trabalho: uma vez que a etapa de revisão bibliográfica está sendo finalizada e iniciam-se os preparativos que darão partida no trabalho de campo, trataremos, a princípio, sobre as discussões acerca do tema através de uma articulação da bibliografia selecionada para este feito. Serão abordadas as esferas simbólicas, territoriais e sociopolíticas que englobam os conflitos entre pentecostais/neopentecostais e afrorreligiosos.

No que tange ao futuro trabalho de campo, faz-se relevante mencionar que a comunidade com quem serão realizados os diálogos, trocas e observações necessárias para alcançarmos os objetivos dessa pesquisa, será aquela que constitui a casa de umbanda *Tenda Espírita Caboclo Tupinambá* sob dirigência do *Babalorixá* João Luís de Oyá, localizada no Parque João Maria, em Campos dos Goytacazes. Seguindo um caráter (auto)etnográfico de pesquisa, vale ressaltar que é nesse terreiro onde me constituo enquanto umbandista e *filho de santo*, o que faz com que esse trabalho adquira uma nova dimensão – esta que é muito bem orientada pelo olhar de Gilberto Velho a partir de sua obra “Observando o familiar” de 1978.

ENCRUZILHADAS: O CONFLITO SIMBÓLICO E SINCRÉTICO

O autor Sérgio Ferretti, em seu texto “Religiões afro-brasileiras e o pentecostalismo no fenômeno urbano” (2005), coloca em destaque a perseguição inquisitorial às religiões de matriz africana e aponta que o pentecostalismo, ao enxergar e incitar essas religiosidades como adversárias, as demoniza e pratica o proselitismo baseado na libertação, no combate ao mal e na conversão religiosa. Nesse contexto, Reginaldo Prandi (2004) diz que a divisão cristã entre bem e mal é refletida na umbanda de forma branda, uma vez que, tendo “diabos” visíveis e palpáveis dentro dos terreiros, tais denominações evangélicas se propõem a humilhá-los e vencê-los; sendo assim, o pastor demonstra seu poder e adquire autoridade

moral ao "invocar" e "exorcizar" orixás, caboclos, pretos-velhos, exus e pombogiras, e promove uma sequência de atos de violência que se explicitam na abordagem de adeptos de religiões afro-brasileiras na rua, invasão de terreiros, queima e destruição pública de símbolos sagrados em "fogueira santa" etc. (Ferretti, 2005).

Dentro dessa problemática, é possível articular a prática de exorcismo realizada pelos pentecostais e neopentecostais com o que diz Regina Novaes em seu texto "O mal à brasileira" (2024): neste trabalho, a autora desenvolve que é a partir da apropriação de elementos rituais das religiões de matriz africana que se exibe e se faz o exorcismo. Sendo o neopentecostalismo, especificamente, a vertente que melhor articula os princípios cristãos com aqueles relacionados a cosmologias tradicionais, é dentro dessa relação de dependência e através do contato com concepções populares sobre o mal e sobre os chamados "espíritos de possessão" presente naquelas sociedades, que tal denominação evangélica se renova e fortalece seu domínio. Assim, dissemina-se a crença em um conjunto de seres – provenientes dos cultos afro-brasileiros – que seriam todos identificados como malignos, aos quais se atribui e se articula uma retórica associada às noções de pecado e culpa; Novaes atribui a isso a denominação de "policentrismo do mal" (Novaes, 2024, p. 4).

Dessa forma, igrejas e religiosos evangélicos mobilizam a teologia da *batalha espiritual* (ou "guerra santa"), elemento maravilhosamente bem analisado e discutido por Cecília Mariz (1999): a autora considera essa dinâmica totalmente avessa à concepção criada pelas Ciências Sociais do que seria a "identidade brasileira" – como é feito por Roberto DaMatta (1997) e Sérgio Buarque de Holanda (1995) ao identificarem o povo brasileiro enquanto constituído por uma moral flexível, capaz de misturar elementos que são comumente considerados opostos. Essa capacidade poderia, por sua vez, ser encontrada no interior das práticas religiosas afro-brasileiras, uma vez que nelas é possível negociar com o "mal" – o que, em sua cosmovisão, não existe de forma absoluta e dualista, opondo-se à construção feita por tradições cristãs. Assim, Mariz toma essa batalha enquanto um conflito, em essência, "antibrasileiro".

Outro fator interessante trazido pela autora – e que já foi mencionado acima sob a perspectiva de Regina Novaes – é a sua compreensão da batalha espiritual como um produto sincrético, uma vez que há de se considerar a dependência existente entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo e os "cultos de possessão" das religiões de matriz africana: essas denominações evangélicas incorporam em seus ritos, discursos e organização, elementos das

religiões afro-brasileiras e do catolicismo. Portanto, uma vez que as práticas dessas igrejas são compreendidas como uma continuidade daquelas realizadas dentro dos terreiros, há de se entender quais as diferenciações entre essa teologia e as religiosidades às quais ela combate, para que se possa compreender qual o apelo dessas denominações.

Ligado a essa discussão, podemos citar o trecho do artigo "Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica", de Vagner Gonçalves da Silva (2005), onde o autor diz que "combate-se essas religiões para monopolizar seus principais bens no mercado religioso: as mediações mágicas e a experiência do transe religioso, transformando-o em um valor interno do sistema neopentecostal." (Silva, 2005, p. 152).

Dessa forma, ele destaca que o neopentecostalismo visa a possibilidade de valorização da experiência do avivamento religioso, ou seja, objetiva se transformar em uma religião da experiência vivida no próprio corpo, da proximidade e da intimidade do indivíduo com o sagrado através do corpo que se encontra em êxtase religioso. É através da concepção que se cria a respeito do transe existente em tradições afrorreligiosas que o neopentecostalismo opera, abrindo as portas para um conjunto de "experiências místicas" correlatas a esse fenômeno – porém, o subverte, endossando o argumento do autor quando ele afirma que "Por oposição ao sistema afro-brasileiro, decretando-lhe uma guerra sem trégua, o neopentecostalismo adotou o diabo como protagonista tornando-se refém de quem pretendia aprisionar, pois o que seria do céu sem o inferno, da glória do vencedor sem as contínuas legiões de vencidos?" (Silva, 2005, p. 161).

Portanto, se nas religiões de matriz africana o *Eu* se sacraliza à medida que o adepto compõe seu *enredo de santo* ao longo de seu processo iniciático ou desenvolvimento mediúnico – podendo, então, sagrado e matéria conviverem num só corpo em conjunto, e não em sobreposição –, no neopentecostalismo a sacralidade se dá a partir de uma concepção onde o ser humano já é divino por natureza e, para que assim permaneça, basta se distanciar das tentações que vêm de fora. Assim, constitui-se uma noção de pessoa a partir da expulsão da presença de um "sobrenatural maligno" que insiste em habitar o corpo dos fiéis, e o *Eu* se mantém divino ao libertar-se de uma espiritualidade tida como perversa e errônea. Tem-se, então, que: se *Exu*, no contexto neopentecostal, é a absolutização do mal, o neopentecostalismo se empenha em enaltecer um sistema absolutista de combate a essas forças em nome do bem.

ATRAVESSAMENTOS NO ÂMBITO SOCIOPOLÍTICO E TERRITORIAL

Anteriormente, foram mencionadas quais as influências religiosas que operaram de forma mais significativa na cidade de Campos dos Goytacazes durante o período colonial e, juntamente a isso, como as comunidades afrorreligiosas tiveram que resistir às violências às quais foram submetidas desde que suas práticas, rituais e crenças foram trazidos e reconstruídos no Brasil a partir da vinda forçada de africanos escravizados. O processo de cerceamento e perseguição a essas práticas, o qual Lana Lima chama de "asfixia" (Lima et. al., 2015) e que pode ser atribuído à forte herança colonial no território campista, é passível de identificação não só no âmbito religioso, mas, também, através da censura e preconceito com antigos e famosos costumes da sociedade brasileira – como a distribuição de doces no dia de São Cosme e Damião – e práticas e manifestações tradicionais de matriz africana que nada tem estritamente a ver com religião ou espiritualidade, como o jongo e a capoeira.

Além disso, esse processo é frequentemente intensificado em periferias e favelas (Novaes, 2024) onde ocorre o ataque, fechamento e, em casos extremos, a expulsão de comunidades tradicionais de terreiro por parte de grupos armados que se articulam com os evangélicos que possuem influência sobre aquele território (Mesquita, 2012). No que tange a essas novas formas de experimentação religiosa e no consequente surgimento de uma nova relação com a fé por parte desses grupos, podemos ver no trabalho de Christina Vital da Cunha (2008), realizado na favela do Acari, como o forte vínculo religioso e identitário entre os moradores e as redes evangélicas presentes nesses territórios culmina, entre outros ocorridos, na demonização de santos e orixás e consequente perseguição às comunidades de religiões de matriz africana por parte da polícia e dos "traficantes evangélicos": com a expansão pentecostal e neopentecostal nas favelas, pinturas, artes, faixas e imagens de divindades do panteão afrorreligioso deram lugar a passagens bíblicas e faixas divulgando eventos e ações sociais de igrejas; paralelamente à interrupção das atividades que eram promovidas e realizadas pelos terreiros e voltadas para a comunidade externa àquela que os constitui, se deu a construção de novos templos e o crescimento daqueles já existentes.

A partir dessa discussão, é possível compreender por qual razão diversas práticas provenientes de religiosidades afro-brasileiras que antes ocorriam nos espaços públicos do município campista, tiveram que passar a ser exercidas dentro dos próprios terreiros ou, então, se deslocaram para cidades vizinhas, como se vê na dissertação de mestrado de Paulo

Henrique Prado da Silva (2024) sobre umbanda e racismo religioso nos espaços públicos de Campos. Em seu trabalho, o autor afirma que:

> Apesar de uma parte considerável da população não ser branca, consequentemente influenciando para que culturas afro diaspóricas e indígenas se façam presente na cultura da cidade, há um movimento forte de silenciamento e de violência contra as religiões de tradição afro-indígena. Alguns dados apontam que dos 200 terreiros de matriz afro-indígenas ameaçados no estado do Rio de Janeiro, 40 se localiza em Campos dos Goytacazes, tendo em 2018 duas lideranças religiosas sendo assassinadas por traficantes locais (AMORIM, 2019 *apud* SILVA, 2024, p. 14).

A partir das notícias de jornais campistas que circulavam no período colonial – onde, muitas das vezes, eram relatadas as prisões de pessoas escravizadas ou ex-escravizadas tidas como feiticeiras ou curandeiras, evidenciando a presença de religiões não-cristãs no território –, Paulo Henrique Prado nos chama a atenção para o papel da polícia e do Estado "na repressão e efetivação da criminalização dessas religiosidades" (Silva, 2024, p. 71), de forma que se torna evidente como a força policial operava – e segue operando – enquanto um dos braços do governo a fim de manter firme "a ideologia da colonização acerca dos aspectos culturais religiosos de povos não-brancos." (Silva, 2024, p. 71).

Nesse contexto, podemos mencionar a atuação pública de atores pentecostais e neopentecostais a partir da chamada "bancada evangélica", que se destaca pela busca de influência na agenda política e legislativa de acordo com seus valores, crenças religiosas e interesses (Machado, 2021), o que pode ser explicitado através da pesquisa desenvolvida por Lana Lima (2013) ao abordar como se articulam o racismo e a discriminação religiosa na cidade de Campos dos Goytacazes e a dificuldade de se levar à frente as denúncias feitas por pessoas de terreiro ao sofrerem algum tipo de violência.

Ao se tornarem alvo de ataques verbais, físicos e patrimoniais, sejam eles praticados pelas neopentecostais – em especial a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que dissemina um discurso demonizante a respeito das comunidades tradicionais de terreiro – ou não, a autora aponta que a falta de entendimento da lei[2] e até mesmo a religião dos oficiais que recebem e tratam desses casos, são fatores que podem fazer com que eles não sejam processados legalmente da forma devida.

[2] Lei nº 7.716/89, conhecida como Lei Caó.

No cenário que é delineado a partir disso, é possível identificar uma postura governamental em favor do pentecostalismo e do neopentecostalismo: o poder público se torna omisso diante das agressões e atos discriminatórios contra praticantes e adeptos das religiões de matriz africana – o que se reflete na falta de medidas protetivas para essas pessoas –, mas permite e promove a realização de cultos evangélicos em repartições municipais, por exemplo.

Uma vez que o Estado se prova ineficaz para administrar esses conflitos, eles são frequentemente enfrentados no âmbito privado de forma a evitar o confronto: na maioria das vezes, os integrantes de comunidades afrorreligiosas preferem reconhecer o possível incômodo causado e antecipar o horário de suas cerimônias ou modificar algum ritual (Lima et. al., 2015).

SOCIABILIDADE E TERRITORIALIDADE

Para o desenvolvimento e consequente análise dos materiais provenientes do futuro trabalho de campo necessário para o andamento desta pesquisa, dois conceitos fundamentais serão considerados, abordados e utilizados: sociabilidade, desenvolvido por Georg Simmel em seu trabalho "Sociologia do espaço" (2013), e territorialidade, sob a perspectiva adotada por Anderson Luiz Barreto da Silva em sua dissertação de mestrado "Religiões afro-brasileiras em Campos dos Goytacazes: Territórios, conflitos e resistência" (2020).

Para Simmel, a sociação é um processo de negociação de sentidos e percepções que criam desgastes e que, a partir disso, produzem a realidade; portanto, sua relação com o espaço se torna relevante a partir dos acontecimentos sociológicos que nele se expressam e que, ao mesmo tempo, o constituem. Dessa forma, o conceito de sociabilidade trabalhado pelo autor nos servirá como base para compreendermos a espacialização e a territorialização das subjetividades que são produzidas entre os agentes das possíveis tensões e conflitos que ocorrem no território em que a comunidade religiosa da Tenda Espírita Caboclo Tupinambá está inserida, além de possibilitar que possamos analisar de quais formas ela se apropria e sacraliza o espaço que ocupa para a realização de suas ritualísticas.

No que diz respeito ao trabalho desenvolvido por Anderson da Silva, ele servirá como uma referência para analisar e compreender como a religião e o espaço/território se relacionam. Se as religiões são práticas sócio-espaciais que produzem e organizam espaços, é através da relação do indivíduo ou grupo social com o sagrado, mediada pela ação, que os

espaços podem ser transmutados em *espaços sagrados*. Assim, uma vez que os agentes sociais desses contextos ditam novos significados ao espaço ao qual a função religiosa foi atribuída – por meio de simbologias, mitos e ritos que exercem o papel de mediação entre homem e divindade –, é o espaço sagrado, operando enquanto expressão desse mesmo sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente.

Em sua dissertação, Anderson da Silva diz que o conceito de territorialidade pode ser definido, de forma simples e objetiva, como correspondente à organização do espaço: ela se dá por meio de práticas sociais materializadas no espaço a fim de garantir a construção e a manutenção do território – que, por sua vez, é tomado enquanto um espaço definido e delimitado através de relações de poder.

É a partir dessa concepção que o terreiro se estabelece enquanto um *território sagrado*, ou seja, uma área de atuação de uma determinada denominação religiosa onde o poder simbólico do sagrado se reflete no sentimento de pertencimento, propriedade e identidade de fé, produzindo uma forma de territorialidade. É no terreiro que estão assentadas as matrizes da família ancestral, onde os zeladores e zeladoras daquele espaço, imbuídos de poder simbólico, atribuem funções e significados aos espaços, pessoas e objetos. Ali se dão as práticas ativas por meio das quais se afirmam e vivem as identidades que nele são produzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida ao longo deste artigo traz à superfície o fato de que os conflitos entre denominações pentecostais e neopentecostais e comunidades de religiões de matriz africana em Campos dos Goytacazes vão para além da esfera estritamente religiosa, inscrevendo-se em um campo de disputas simbólicas, territoriais e sociopolíticas que podem ser evidenciadas a partir da análise do contexto histórico de formação da cidade. A partir da revisão bibliográfica aqui mobilizada, é possível identificar que essas tensões resultam de longos processos de estigmatização, demonização e criminalização de práticas afrorreligiosas, processos estes que tiveram início durante o período colonial e são mantidos por meio de diferentes agentes – seja o Estado, a mídia ou, mais recentemente, segmentos religiosos que operam sob a lógica da batalha espiritual.

Nesse sentido, no que tange à análise dos sincretismos simbólicos e ritualísticos que atravessam essas denominações evangélicas e práticas de terreiro, é possível compreender

que a disputa não se dá apenas pela legitimidade religiosa, mas também pelo controle das narrativas sobre o sagrado, o corpo e o território. A retórica pentecostal/neopentecostal, ao ressignificar elementos dos cultos afro-brasileiros como manifestações do mal, produz uma estrutura absolutista de oposição a esse mesmo mal, responsável por legitimar a violência e fundamentar práticas de perseguição em nome do bem. Ao mesmo tempo, é posto em evidência como essas denominações se constituem em relação às tradições afro-brasileiras, apropriando-se do transe, de suas concepções acerca da "religião vivida no corpo" e de seus simbolismos – o que reforça o caráter ambíguo e sincrético dessas tensões.

As dimensões sociopolíticas e territoriais também se mostraram essenciais para melhor compreensão das especificidades do caso campista. A omissão estatal diante às agressões e violações dirigidas às comunidades tradicionais de terreiro contribui para a manutenção de uma estrutura discriminatória e excludente, na qual a liberdade religiosa é condicionada por relações de poder. A atuação de grupos armados articulados a determinadas igrejas, assim como a influência e a atuação política de representantes evangélicos pentecostais ou neopentecostais, revela um cenário onde a disputa pelo território se expressa tanto na construção e expansão de templos quanto na repressão e no cerceamento das práticas afrorreligiosas em espaços públicos. Nesse contexto, os terreiros atuam não apenas como locais de culto, seguindo um papel estritamente religioso, mas, também, como espaços de resistência e produção de identidades e sociabilidades a partir de uma cosmovisão e de uma construção que escapam ao modelo de religiosidade cristão-europeu.

À luz do que aqui foi debatido, torna-se evidente a relevância da abordagem que articula sociabilidade e territorialidade, tal como proposto por Georg Simmel (2013) e Anderson da Silva (2020). A análise e compreensão das formas através das quais a comunidade da Tenda Espírita Caboclo Tupinambá sacraliza seu espaço, negocia sua presença no bairro em que está inserida e produz formas próprias de convivência e solidariedade permitirá, na etapa de campo deste estudo, aprofundar a análise dos arranjos sociais que sustentam e permitem a permanência dessas comunidades em um cenário tão desigual e adverso. O caráter (auto)etnográfico desta pesquisa também se revela potente, pois me posiciona, para além de pesquisador, como sujeito participante, inserido e sensível às dinâmicas internas e externas que configuram a vida no terreiro em questão.

Portanto, as reflexões aqui reunidas não pretendem apenas mapear tensões e conflitos, mas contribuir para a compreensão mais ampla das formas de resistência, agência

e articulação de simbolismos que marcam as religiões de matriz africana em Campos dos Goytacazes. Reconhecer o terreiro enquanto território sagrado e espaço de construção de saberes e de sociabilidades através de práticas, ritos e simbolismos ancestrais é fundamental para tensionar e provocar as concepções produzidas por leituras hegemônicas acerca de religiosidade, cidadania e direitos. Espera-se que, com o desenvolvimento do trabalho de campo, esta pesquisa avance na construção de uma narrativa comprometida com a visibilidade e a valorização da complexidade das experiências afrorreligiosas, contribuindo para o debate acadêmico e para a defesa de uma sociedade plural e verdadeiramente laica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Christina Vital da. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 15, p. 13–46, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/75226>. Acesso em: 8 out. 2025.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERRETTI, Sérgio. **Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano.** 2005. Disponível em: https://repositorio.ufma.br/jspui/handle/1/192 Acesso em: 4 jul nov. 2025.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Lana L. et. al.. **As religiões afro-brasileiras em Campos dos Goytacazes:** preservar, dar visibilidade e combater a discriminação. Campos dos Goytacazes. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/40318052/As_Religi%C3%B5es_Afro_brasileiras_em_Campos_dos_Goytacazes_preservar_dar_visibilidade_e_combater_a_discrimina%C3%A7%C3%A3o Acesso em: 8 nov. 2025.

LIMA, Lana Lage da Gama; SILVA, Leonardo Vieira; MOLINA, Bernardo Berbert. Racismo e discriminação religiosa em Campos dos Goytacazes: as dificuldades na aplicação da Lei 14 Caó. **Terceiro Milênio**: Revista Crítica de Sociologia e Política, v. 1, p. 38-47, 2013. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/12148 Acesso em: 4 jul. 2025.

MACHADO, M. das D. C. A identidade evangélica em disputa. **Debates do NER**, [S. l.], v. 1, n. 39, p. 83–89, 2021. DOI: 10.22456/1982-8136.116167. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/116167 Acesso em: 4 jul. 2025.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. BIB - **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [S. l.], n. 47, p. 33–48, 1999. Disponível em: https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/213 Acesso em: 4 jul 2025.

MESQUITA, Wania Amélia. Sociabilidade pentecostal e ordem violenta em favelas. **Antropolítica** Revista Contemporânea de Antropologia, UFF, 2012. Disponível em: https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41494 Acesso em: 4 jul. 2025.

MIRANDA, Ana Paula M. de. **Política de terreiros e política para terreiros:** violações, reconhecimento de direitos, espaço público e resistências dos "povos tradicionais de matriz africana". 2023. Disponível em: https://br.boell.org/pt-br/2023/08/18/politica-de-terreiros-e-politica-para-terreiros-violacoes-reconhecimento-de-direitos Acesso em: 4 jul. 2025.

NOVAES, Regina. O Mal à Brasileira: rupturas, confluências e (re)qualificações. Um tributo à trajetória acadêmica de Patricia Birman. **Religião & Sociedade**, v. 44, n. 1, p. e440106, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0100-85872024e440106 Acesso em: 4 jul. 2025.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 52, p. 223–238, 2004. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/10033 Acesso em: 4 jul. 2025.

SILVA, Anderson Luiz Barreto da. **Religiões afro-brasileiras em Campos dos Goytacazes:** Territórios, conflitos e resistência. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/21501 Acesso em: 4 jul. 2025.

SILVA, Paulo Henrique Prado da. **Umbandas**: o racismo religioso nos espaços públicos em Campos dos Goytacazes – RJ. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes, 2024. Disponível em: https://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2025/02/Dissertacao-Paulo-Henrique-Prado-da-Silva.pdf Acesso em: 4 jul. 2025.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 67, p. 150–175, 2005. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13461 Acesso em: 4 jul. 2025.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.